

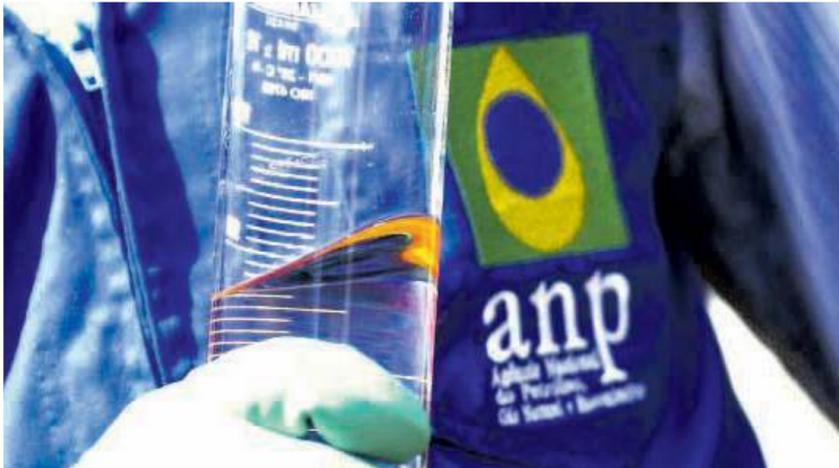
AGÊNCIAS REGULADORAS

Crise financeira ameaça fiscalização

Orçamento reduzido compromete capacidade técnica e operacional. Liberação emergencial evita colapso na ANP, mas evidencia fragilidades estruturais do setor

» RAFAELA GONÇALVES

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Um dos programas mais afetados foi o de Monitoramento da Qualidade dos Combustíveis (PMQC)

Diante do risco iminente de paralisar parte de suas atividades, a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) obteve uma liberação emergencial de R\$ 10 milhões para garantir a continuidade de seus serviços. O recurso foi desbloqueado após a autarquia anunciar que teria de fechar por três dias na semana e suspender operações essenciais, como a fiscalização de postos de combustíveis, por falta de verbas.

O episódio escancarou um cenário crítico e acende o alerta sobre o processo contínuo de desmonte das agências reguladoras no Brasil. Encarregadas de garantir o funcionamento equilibrado de setores estratégicos — como energia, petróleo, saúde e transportes —, essas instituições vêm enfrentando sucessivos cortes orçamentários, perda de pessoal e restrições operacionais que comprometem seu papel regulador.

A situação se agravou a partir de um decreto promulgado em 30 de maio, que reduziu o orçamento dos órgãos em cerca de 25%. No caso da ANP, a verba discricionária caiu de R\$ 140,6 milhões para R\$ 105,7 milhões, afetando diretamente uma série de programas estruturais. Um dos mais impactados foi o Programa de Monitoramento da Qualidade dos Combustíveis (PMQC), essencial para garantir que produtos vendidos nos postos atendam aos padrões de qualidade e segurança.

“A ANP está passando pela pior crise dos últimos 20 anos. Sou concursado há duas décadas e nunca presenciei uma situação tão grave”, afirmou o superintendente da agência, Luciano Lobo. A liberação dos R\$ 10 milhões emergenciais, segundo o Ministério de Minas e Energia, permitirá a manutenção das atividades de fiscalização e de outros serviços essenciais que estavam ameaçados.

“Garantir recursos para a ANP é fundamental para que possamos reforçar a fiscalização sobre o mercado de combustíveis e proteger o bolso do consumidor brasileiro”,

disse o ministro Alexandre Silveira. “Nossa prioridade foi articular dentro do governo a liberação desse recurso emergencial para que a agência mantenha suas atividades em pleno funcionamento”, emendou.

A crise ainda ocorre em um momento particularmente sensível para o setor. No início de julho, a Advocacia-Geral da União (AGU) pediu a abertura de uma investigação sobre possíveis práticas anticoncorrenciais no mercado de combustíveis. Há indícios de que distribuidoras e postos não estariam repassando aos consumidores finais as reduções de preço promovidas pelas refinarias, sobretudo pela Petrobras, ao longo dos últimos 12 meses.

Para o advogado Mario Barone, sócio do escritório Edgard Leite Advogados, os impactos do contingenciamento são amplos e vão além do atendimento presencial. “Ainda que os técnicos e demais servidores da ANP continuem a realizar atividades remotamente nos dias em que o escritório estiver fechado, é inegável que a medida afeta as importantes atividades que a agência desempenha, especialmente aquelas voltadas à regulação e à fiscalização da produção, distribuição e revenda de derivados de petróleo e

álcool combustível”, afirmou.

Barone alertou, ainda, para a perda de capacidade técnica da autarquia. “Certamente haverá reflexos nas principais atividades desempenhadas pela ANP, com impactos não só para investidores, com atrasos em licenças e autorizações, mas também para o consumidor final, diante da redução na fiscalização da qualidade dos combustíveis em distribuidoras e postos.”

Desafio coletivo

A situação da ANP não é isolada. Outras agências reguladoras também enfrentam um processo semelhante de estrangulamento orçamentário e de desmonte institucional. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), por exemplo, dispensou 145 funcionários terceirizados no início de julho, o equivalente a 15% de sua força de trabalho. Além disso, reduziu seu horário de atendimento ao público para apenas seis horas por dia, das 8h às 14h, interrompeu o atendimento telefônico na Ouvidoria e limitou significativamente suas atividades de fiscalização.

As medidas comprometem não

apenas a prestação de serviços aos cidadãos, mas também a capacidade da agência de responder a crises no setor elétrico, de autorizar projetos e de regular tarifas com transparência e eficiência.

O enfraquecimento das agências acontece, ainda, no momento em que o país discute temas sensíveis que passam pela regulação, como a exploração de petróleo da Foz do Amazonas, foco de impasse entre governo, ambientalistas e setor petrolífero devido a disputas sobre licenciamento. “As agências foram criadas para harmonizar os interesses do Estado, do setor privado e da sociedade. Seu papel é técnico, estratégico e fundamental para garantir segurança jurídica e previsibilidade nos investimentos”, destacou Barone.

Segundo ele, o sucateamento das instituições representa um risco sistêmico para a economia. “Sem recursos, as agências perdem a capacidade de fazer análises ambientais criteriosas, estudos de impacto e avaliações técnicas que embasam decisões regulatórias. Isso afeta desde projetos de infraestrutura até a proteção do consumidor e o funcionamento saudável do mercado.”

Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

Entre tapas e beijos

A poucos dias da entrada em vigor da tarifa com o gosto amargo de sanção econômica de 50% sobre as exportações aos EUA, ainda falta ao governo clareza sobre o que e como negociar algo menos severo.

O contraditório também vale: o que quer de nós o governo Trump, ou, conforme o seu estilo personalista, o que quer Donald Trump?

A resposta a tais incertezas pode ser simples, se considerarmos o que os partidos Republicano e Democrata buscam desde a eleição de Trump em 2015: conter o poderio tecnológico, militar e econômico, nessa ordem, da China, e reaver a fabricação local do que as suas próprias empresas terceirizaram para países com mão-de-obra barata e disciplinada, regulação fraca e tributação muito baixa.

Apple, Nike e Nvidia, por exemplo, fabricam a totalidade do que vendem nos EUA em fábricas de empresas, sobretudo da China, dando nexo à globalização contra a qual Trump e antes Biden se opuseram em graus variados em resposta a seus eleitores. O que leva o nome de neoliberalismo virou expressão maldita a boa parte dos EUA, tal como com a chamada “financeirização” das relações produtivas.

Atentemos que o início da decadência da manufatura brasileira nos anos 1980, quando nossa indústria de transformação era maior que a da China e Coreia do Sul combinadas, coincide com a largada da expansão do chamado modelo de produção asiático, inspirado com aperfeiçoamentos no nosso projeto de desenvolvimento dos anos 1950 a 1970. Brasil e EUA se perderam no mesmo momento.

Mas isso é história, o que não empolga Trump nem Lula, políticos com idade avançada, 79 anos, com intervalo de quatro meses entre um e outro, narcisistas, e prestes a enfrentar eleições decisivas. Nos EUA, em novembro de 2026, será renovada a totalidade da Câmara e parte do Senado, nas quais a maioria republicana é estreita, e Lula e a esquerda vão às urnas um mês antes, com risco para ambos de ampliar-se a já folgada maioria de centro-direita no Congresso.

Trump e Lula procuram objetivos comuns, embora divergentes quanto às visões de mundo e do que representam para os seus seguidores. É resultado o que pode uni-los, sem implicar que tenham de desistir de suas preferências ideológicas. Essa iniciativa cabe ao Brasil.

O que importa negociar

Três áreas de desenvolvimento econômico são críticas para Brasil e EUA. Com ou sem tarifação e mesmo ao tempo do segundo governo de Lula, já deveriam estar em execução com a mesma prioridade que se deu à exploração do petróleo do pré-sal. E sem favorecimentos.

O primeiro é a exploração de minerais estratégicos, vulgo “terras raras”, uma lista de 17 elementos todos escassos na natureza, que entram na composição dos bens da economia digital, de smartphone e smart TV a carro elétrico e híbrido, bateria e placa para energia solar, lentes e componentes de mísseis, entre outras aplicações.

China é o maior produtor, com 49% das reservas de terras raras no mundo e 69% do refino. Brasil é o segundo no mundo em reservas com 23% do total, mas ínfimos 5% de produção. Nessa lista, EUA têm 2% das reservas conhecidas e 11,5% do refino. É de interesse mais que urgente a exploração desses minerais, ampliar a nossa produção de nióbio e lítio, e essa pode ser a oportunidade para as negociações com os EUA, sem privilegiar nenhum país.

A digitalização dos processos é outro campo de desenvolvimento em que estamos atrasados, assim como o uso aplicado da inteligência artificial (IA), ferramentas do mundo digital alavancadas por data centers (DC). DC equivale ao digital como a geração de energia, as duas circulando por redes cabeadas ou não. Energia não nos falta e a custo acessível, excluindo o ônus desarrazoado da tributação.

Nos EUA, é escassa e cara o que temos em excesso, energia e água, enquanto a tecnologia aplicada, especialmente de semicondutores, é abundante a custo relativamente baixo. A terceira área possível na mesa de negociação é o desenvolvimento conjunto de inovações que criam mercados (ICMs), fazendo a ponte entre produção e serviços.

Como apimentar a relação

O relacionamento inovador, como o gerado pelo tarifação sem causa de Trump, é aquele em que você abre conversa contando algo que a outra parte não sabe e passa a desejar ao saber. Já passou o tempo de descomoditizar a economia, excessivamente pautada pelas contas fiscais e dependente das exportações de commodities (grãos, minério de ferro, petróleo). Isso todos têm e adicionam pouco valor.

As oportunidades para distensionar a relação entre um presidente que cultiva um sentimento antiamericano desde quando era um líder sindical e outro que quando levava vida de playboy já falava que tarifa era a salvação dos EUA terão de vir fora da caixa. O czar chinês Xi Jinping e o seu vizinho indiano Narendra Modi têm tais ambições de liderança e são bem-sucedidos no relacionamento aziago com Trump sem vergar a espinha nem armar palanque contra os EUA.

Algumas pré-condições devem ser observadas. Trump e Lula não são de terceirizar decisões, mas delegam a auxiliares o que não lhes convém vocalizar. Trump delegou ao secretário do Tesouro, Scott Bessent, um milionário que fez fortuna especulando com moedas das negociações com Japão, já encerradas em boa parte, China e Índia. Lula passou ao vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio, Geraldo Alckmin, moderado e próximo ao capital, missão semelhante.

O fez, em tese, para levantar a bandeira da soberania nacional em sua campanha eleitoral antecipada. Nestas semanas em que se tateia o que pode levar ao adiamento do tarifação ou sua substituição por algo mais digerível, convém passar despercebido ao “cowboy”. Por exemplo, ignorar os Bolsonaro — mão de gato de Trump e sem a menor condição de ex-presidente ambicionar papel relevante em 2026.

Tempo de abrir os olhos

A polarização entre Lula e Bolsonaro é hoje mais suposta que real e isso porque ela interessa aos dois, já que vai ficando clara a intenção da centro-direita de disputar a presidência e, vencendo, unificar a sua maioria parlamentar à governança do executivo.

Os possíveis candidatos centristas perceberam que Bolsonaro mais atrapalha que ajuda. E pior que isso: sem maioria parlamentar, ao executivo resta o jogo mafioso das emendas, o que faz exacerbar a atuação do STF como poder moderador sem ter amparo constitucional.

Isso não tem futuro até pela mudança fiscal tornada obrigatória ao próximo governante, seja qual for. No realinhamento global das forças políticas e econômicas, melhor ter uma economia forte, com orçamento crível e não esculachado como o atual. Desafaro e caos não são apreciados pelos senhores do mundo, ainda mais para o que é o maior mercado de consumo de massa que restou ainda potencial. É tempo de abrir os olhos...

CIBERSEGURANÇA

IA impulsiona onda de ataques hackers

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

São Paulo — A inteligência artificial (IA) tem se consolidado, nos últimos anos, como uma ferramenta poderosa nas mãos de cibercriminosos que planejam ataques a empresas e pessoas físicas em todo o mundo. O alerta é da Netscout, empresa especializada em cibersegurança e monitoramento de tráfego.

Cerca de 30% dos ataques hacker são orquestrados pela IA, segundo levantamento recente. Para executivos da empresa responsável pelo estudo, esse cenário torna as investidas criminosas mais acessíveis, sofisticadas e adaptáveis, facilitando a atuação de invasores. Outro ponto de preocupação é que esse tipo de ataque, por ser mais dinâmico e automatizado, também se torna mais difícil de detectar.

“A IA veio não só para ajudar o lado do bem, mas também para popularizar e dar uma abrangência muito maior hoje para esse tipo de atuação na internet”, comentou Kleber Carriello, engenheiro e consultor sênior da Netscout Brasil. De acordo com ele, há uma disseminação de grupos paralelos na Deep Web e na plataforma de conversas Telegram para treinamentos no uso da IA com objetivos de hackear sistemas de empresas.

“Com modelos treinados, os atacantes podem automatizar ações maliciosas sem depender de conhecimento técnico profundo. A IA industrializou os ataques, criando movimentos que se passam por interações rotineiras”, explicou Carriello. Ataques hackers acontecem em

Reprodução/Internet



Empresas no Brasil foram as principais vítimas da América Latina

escala global e de forma contínua, a todo momento. Apenas no segundo semestre do ano passado, a Netscout identificou mais de um milhão de tentativas de ataques de Negação de Serviço Distribuído (DDoS), evidenciando a dimensão e a frequência com que essas ameaças digitais ocorrem.

Nesse tipo de ação, o grupo criminoso acessa o sistema privado, inundando o tráfego com múltiplas fontes com o objetivo de danificar um determinado serviço on-line. Nesse recorte, de acordo com o relatório da Netscout, empresas localizadas no Brasil foram as principais vítimas de ataques na América Latina, com mais de 500 mil registros no segundo semestre do ano passado. As empresas de telecomunicações

sem fio com operações no Brasil foram as mais visadas por hackers, sofrendo 48.845 ataques. “Os ataques DDoS se tornaram a ferramenta mais usada para a guerra cibernética”, disse Richard Hummel, diretor de inteligência de ameaças da Netscout.

O relatório também revela que o Brasil não apenas se destaca como um dos países mais afetados por ações ciberméticas ilegais, mas também figura como uma das principais origens de ataques.

“Hoje o Brasil tem uma infraestrutura de internet muito grande, muito desenvolvida e hoje muitos ataques são gerados aqui. Essa infraestrutura é boa e ruim ao mesmo tempo”, explicou Geraldo Guazzelli, diretor-geral da Netscout no Brasil.

Prevenção

Mais sofisticados a cada dia, os ataques DDoS representam um desafio constante para os responsáveis pela proteção de redes de infraestrutura crítica e pela garantia da continuidade dos serviços. Segundo a Netscout, empresas, órgãos governamentais e provedores de serviços seguem como os principais alvos dessas investidas. Para enfrentá-las, é essencial adotar estratégias baseadas em inteligência e automação.

As medidas de prevenção envolvem desde a análise do tráfego global da internet até o monitoramento detalhado do comportamento interno da rede onde o usuário está inserido. Esse acompanhamento em múltiplas camadas é essencial para identificar anomalias e agir rapidamente diante de possíveis ameaças. “Todo o roteamento de tráfego também conta como medida para identificar possíveis ataques”, relatou Guazzelli.

Além do gerenciamento de ameaças externas, os executivos ressaltam a necessidade de se atentar aos registros internos de rede. Os ataques podem ser facilitados a partir de informações repassadas por funcionários ou pessoas de confiança em uma empresa, como o caso recente da empresa C&M Software, vítima de um ataque cibernético que desviou ao menos R\$ 800 milhões.

* O repórter viajou a convite da Netscout